

Nas curvas do tempo: um encontro entre infância e filosofia

In the curves of time: a meeting between childhood and philosophy

Caroline Trapp de Queiroz

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea (GPICC – www.gpicc.pro.br).
trapp.queiroz@gmail.com

Resumo: Esse artigo traz o recorte de uma das discussões desenvolvidas em pesquisa de mestrado que teve como objetivo estabelecer com crianças um diálogo sobre o conceito de tempo. O propósito para este artigo, em específico, é identificar aproximações entre o que as crianças construíram sobre o tempo e aquilo que nos chegou de reflexão por meio de alguns dos filósofos cujas concepções de tempo são recorrentes em pesquisas que se debruçam sobre essa temática. Os autores que entrarão nesta análise são: Heráclito, Platão, Aristóteles e Agostinho. Em diálogo com eles, são destacados três eixos encontrados nas conversas com as crianças: movimento e mudança, lugar da alma na relação com o tempo e o *ser* do tempo. Estes eixos foram organizados ao término dos encontros, o que significa dizer que não constituem um caminho escolhido de antemão para estruturar nossas conversas, mas um achado possibilitado pelo próprio processo de pesquisa.

Palavras-chave: Tempo; Infância; Encontro; Filosofia.

Abstract: This article brings a punctual cut from one of the discussions developed in a master's research that aimed to establish with children a dialogue on the concept of time. The purpose for this article, in particular, is to identify similarities between what the children built over time and what we can think through some of the philosophers whose time concepts are recurrent in studies that focus on this theme. Authors who entered this analysis are Heraclitus, Plato, Aristotle and Augustine. In dialogue with them, we highlighted four axes found in conversations with children, nominally: movement and change, place of the soul in relation to time and the perception of time being. These axes were organized at the end of the meetings, which means that they are not a path chosen in advance to structure our conversations, but a finding made possible by the research process itself.

Keywords: Time; Childhood; Meeting; Philosophy.

Esse artigo apresenta uma das muitas discussões que foram desenvolvidas em minha pesquisa de mestrado, na qual o objetivo foi estabelecer, com crianças, um diálogo sobre o conceito de tempo. Os encontros, quatro no total, foram realizados entre agosto de 2014 e novembro de 2015 nas áreas comuns de um condomínio localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde essas crianças moram. Participaram da pesquisa quinze crianças entre 8 e 14 anos de idade. Como metodologia fez-se a opção pelo diálogo, compreendido a partir da teoria do filósofo russo Bakhtin (2011), em que, “o ponto de vista dialógico não cria um objeto ideal, de sujeito ausente, a ser tratado a distância; orienta, antes, o estudioso a participar do jogo, a considerar o enunciado, o texto, como vozes a compreender, com as quais dialogar.” (MARCHEZAN, 2012, p. 128)

Essa compreensão sustenta a ideia de linguagem como um ato, em que os sujeitos envolvidos se afetam entre si, pois se dispõem a essa relação por inteiro. Na pesquisa, o diálogo foi provocado a partir do uso de recursos materiais, como imagens e objetos, e imateriais, como a elaboração de perguntas, de situações hipotéticas e o uso da imaginação para suscitar deslocamentos “espaçotempo-rais”.¹ Vale destacar que a ideia para as conversas não foi fornecer uma resposta capaz de dar conta das muitas questões que envolvem a reflexão sobre o tempo, mas sim compartilhar com as crianças as perguntas possíveis de se fazer no interior desse diálogo.

Constituindo, assim, um recorte pormenorizado da pesquisa, o objetivo para este artigo² é identificar aproximações entre o que as crianças construíram sobre o tempo durante nossas conversas e aquilo que nos chegou de reflexão por meio de alguns dos filósofos cujas concepções de tempo são recorrentes em pesquisas que se debruçam sobre essa temática, especificamente Heráclito, Platão, Aristóteles e Agostinho. Reitero, portanto, que a ênfase recairá, aqui, na aproximação dos discursos formulados sobre o tempo por parte das crianças e dos filósofos, não sendo nosso intento um aprofundamento teórico em relação à obra de cada um desses filósofos.

Para estabelecer o diálogo, organizei as respostas das crianças em três eixos: movimento e mudança; lugar da alma na relação com o tempo; e o *ser* do tempo. Estes eixos foram criados ao término dos encontros, o que significa dizer que não constituem um caminho escolhido de antemão para estruturar nossas conversas, mas sim um achado advindo dos processos próprios da pesquisa. São, portanto, eixos que eu encontrei ao olhar posteriormente para aquilo que as

crianças traziam como discussão ao longo dos encontros, sempre lembrando que eu, como pesquisadora, me enxergo como um sujeito no campo, ao lado dos meus interlocutores, participando por inteiro desse diálogo, portanto, um sujeito que interfere, sugere, altera e influencia o outro.

Essa é uma percepção que está atrelada à ideia de que nenhuma pesquisa em ciências humanas é isenta ou neutra. Esse é um balizador a partir da concepção de Bakhtin (2011) que compreende as ciências humanas como ciências de sujeitos que dialogam e se expressam; ciências que envolvem, então, ao menos duas consciências, a do pesquisador e a de um outro que é o pesquisado. Isso estabelece que o meu interlocutor não está sozinho, ele está comigo, ele me responde e eu, do lugar de pesquisadora, tenho responsabilidade pela resposta que o ele dá à minha provocação. É dessa forma que a pesquisa diz do outro, mas diz também de mim porque a responsabilidade pelas perguntas, pelos diálogos que permiti ou não se desenvolverem na autoria da pesquisa, pelas respostas que dei brechas a surgir e a se desenvolver, é inteiramente minha e por ela respondo, nessa relação que estabelece uma equação de pesquisa que, sem mim – ou qualquer das crianças – não seria a mesma.

Portanto, dizer que os eixos trazidos nessa aproximação das crianças com os filósofos não foram pensados *a priori* é demarcar que eu não tinha ainda a intenção de construir especificamente *essa* reflexão. Mas isso não significa que estes não foram eixos balizadores das minhas intervenções em campo, já que muito do que entendo sobre o tempo me chegou como compreensão justamente por intermédio desses filósofos. Essa é uma ponderação relevante.

Movimento e mudança

Os primeiros registros que nos chegam sobre uma reflexão mais sistematizada quanto ao tempo remontam à Grécia Antiga e revelam percepções que aliam tempo à ideia de movimento, mudança. Ideia que esteve presente nas falas das crianças com quem conversei na pesquisa,

Caroline (pesquisadora): Me responde o que vier na sua cabeça... que que é tempo pra você? Se você pensa no tempo, qual é a primeira coisa que vem na sua cabeça?

Ryan (9): Vento.

Caroline: Vento? É? Por que você acha que o tempo é vento?

Ryan: Porque o vento passa.

Caroline: Ah é? E o tempo passa também?

[Ryan acena positivamente com a cabeça]

Caroline: Legal! Você acha que o tempo só passa ou ele fica, em algum momento? Você acha que ele para?

Ryan: Não.

Caroline: Não? Ele passa o tempo todo?

Ryan: Aham.

Ryan traz, em sua resposta, a percepção de um tempo como eterno movimento, um tempo cuja parada parece não condizer com o caráter dinâmico. A observação às mudanças, aos movimentos, está na base das primeiras reflexões sobre o tempo. Essa discussão é clara na análise de Platão e Aristóteles, ambos filósofos gregos da Antiguidade Clássica. Se Platão concebe o tempo como “a imagem móvel da eternidade”, Aristóteles afirma que, na verdade, o tempo é a “duração de todo e qualquer movimento” (SCHÖPKE, 2009, p. 102).

O que os diferencia quanto a essa concepção de entrelaçamento entre tempo e movimento é que, para Platão, o movimento se refere às esferas celestes, uma vez que “Deus fez tal imagem eterna, mas em movimento de acordo com números – evidenciados e expressados pelo incorruptível e eterno movimento circular dos céus” (MOURA, 2007), enquanto que, para Aristóteles, o movimento se relaciona às mudanças que são perceptíveis no mundo sensível, de maneira geral, já que nessa ideia de movimento cabe o deslocamento e também o “crescimento, e mesmo o nascer e o morrer de um organismo” (PUENTE, 2014, p. 24).

A percepção que Platão tem do mundo nos ajuda a compreender melhor o que se diferencia entre suas ideias de tempo e as de Aristóteles. Segundo a filósofa Regina Schöpke (2009, p. 94), para Platão, há uma cisão entre o mundo sensível, “efêmero, transitório, um perpétuo vir-a-ser”, marcado pela transformação, e a eternidade pura, onde o tempo não passa, não existe mudança e as coisas *são*, aqui e agora, o que as torna apreensíveis pela razão. Nessa segunda categoria se encontram deus e as ideias, o que é interessante para perceber que deus está, nesse sentido, *fora* do tempo. O universo e o tempo seriam, então, criações de deus diante do caos do mundo. Nas palavras de Platão (1981, p.92),

Ora, quando o Pai que o engendrou compreendeu que se movia e vivia, esse Mundo, imagem nascida dos deuses eternos, rejubilou-se e, em sua alegria, refletiu sobre os meios de torna-lo ainda mais semelhante a seu modelo. E assim como esse modelo resulta ser uma alma imortal, esforçou-se, na medida de seu poder, tornar imortal igualmente a esse todo. Ora, a substância da alma-modelo que era eterna, como vimos, e essa eternidade, adaptá-la inteiramente a um Mundo engendrado, era impossível. Por isso, seu autor preocupou-se em fabricar uma certa imitação móvel da eternidade, e, organizando todo o Céu, fez, da eternidade uma e imóvel, esta imagem eterna que progride segundo a lei dos números, isso a que chamamos de Tempo.

Se, por um lado, o espaço seria base de toda a matéria, possuindo existência em si, o tempo, enquanto “imagem móvel da eternidade”, teria sido criado com o próprio universo e o movimento, unindo, portanto, o mundo criado, mutável e efêmero, ao seu modelo, a eternidade. Para o historiador e filósofo José Carlos Reis (1994, p. 18), o tempo, em Platão, “imita a eternidade descrevendo ciclos no ritmo do número” – guardado pelo céu, percepção que, de acordo com Schöpke (2009), será adotada posteriormente por Agostinho, filósofo e teólogo da Idade Média, nascido na África romana.

Na concepção platônica de mundos cindidos, o tempo se relaciona ao mundo sensível, “ao mundo dos corpos, pois apenas esses mudam, sofrem alterações” (SCHÖPKE, 2009, p.92). O tempo é uma imagem que imita a permanência da eternidade. De acordo com Reis (1994, p. 19), às questões que se colocavam sobre o tempo, Platão respondia,

Ele é objetivo, é a articulação dos movimentos dos planetas, medidos pelo sol; é único e finito, pois criado. Mas, como imitador do modelo, tende à eterna duração. Ele não tem direção determinada só existe em relação à eternidade e, ao mesmo tempo, opõe-se a ela. Essa é identidade, eterna presença; ele é diferença constante, ausência da Presença.

A noção de que o eterno é imutável, perene, e o temporal é o que se move, o que é efêmero, muda e se transforma, segundo Schöpke (2009), nasce com Platão e influencia a filosofia posterior.

Aristóteles, em suas reflexões, “topa com o paradoxo de um tempo que não é o movimento e do qual o movimento é uma das condições” (DOSSE, 2012, p.148). Embora o movimento não coincida com o tempo, é necessário destacar que, para o filósofo, há certa dependência recíproca entre eles. Essa dependência é expressa por ele a partir da ideia de que não apenas “medimos o movimento pelo tempo, mas também o tempo pelo movimento, porque eles se definem um ao outro. O tempo marca o movimento, visto que é seu número, e o movimento marca o tempo” (*apud* WHITROW, 1993, p.57). Entendendo que há apenas um mundo, sem a divisão que Platão propõe, e que o conhecimento advém da sensibilidade, Aristóteles (*apud* SCHÖPKE, 2009, p.102) desenvolve, portanto, a ideia de que “o tempo é o número do movimento, segundo o antes e o depois”, isto é, o que se pode mensurar do movimento que marca a mudança de um fenômeno ou acontecimento. Schöpke (2009) pondera que, para Aristóteles, não se trata, pois, de um movimento qualquer, mas de um movimento contínuo, o movimento do próprio devir.

Na pesquisa com as crianças, se o movimento aparece claramente na fala sobre o vento, que para Ryan passa sem parar, a mudança se expressa nos modos como, para elas, o tempo nos marca, atestando sua passagem,

Caroline: Tenho uma outra pergunta. A gente ficou falando como é que a gente ia marcar o tempo, mas como é que o tempo marca a gente?

[Silêncio]

Caroline: Como é que o tempo me marcou pra não parecer que eu tenho 5 anos? Pra parecer que tenho 26?

Bernardo: Altura... Altura...

Bernardo: Voz... Rosto...

[...] Clara (11): Você cresceu!

Cadu (11): Peso.

Bernardo: Postura...

[...] João Vitor (13): O pé.

Ryan: O pé!

Bernardo: O pé cresce... A estrutura do corpo... Cresce...

Cadu: Dentes.

[...] Bernardo: Vai ficando mais branco o cabelo e cheio de espinhas.

O movimento, as mudanças, os deslocamentos e a dinâmica foram protagonistas nas falas das crianças, apontados como indícios do tempo perceptíveis nos nossos corpos, aquilo que ele deixa inscrito em nós e que atesta nossa transformação. Aqui, a relação com Platão se dá justamente na percepção de um tempo que se move, muda e se transforma. A aproximação com Aristóteles se evidencia na percepção do tempo que a tudo toca, marcando, a partir desse *toque*, a relação de dependência estabelecida com o movimento, necessário para sua apreensão.

Pensando a correlação entre nossos corpos e o tempo, Pedro Paulo Monteiro (2011, p. 35), fisioterapeuta gerontologista, afirma que o envelhecimento nada mais é que “o movimento de passagem de uma etapa a outra”, ou seja, envelhecer é um processo constituído pelos deslocamentos que fazemos ao longo da vida. É a partir desse ponto de vista que, para ele, “o tempo não passa, somos nós a passar em nosso próprio tempo”, o que nos remete justamente à reflexão sobre a intrínseca relação entre movimento e percepção de tempo, não só no modo como o mundo se constitui, mas também no modo como nós, com nossos corpos, nos constituímos nele.

A alma e o tempo

A percepção sobre o tempo, aquilo que se apreende e se organiza sobre ele a partir de nosso olhar, é o alicerce da visão aristotélica de tempo. Sendo dependente do movimento, do deslocamento e da mudança, que atestam sua existência, o tempo, como Aristóteles o formula, depende também de uma alma, uma consciência, que, ao perceber a mudança, o numere e o meça. Para Reis (1994), a questão da alma tem lugar central para que se compreendam as construções filosóficas quanto ao tempo.

Em Aristóteles, se o movimento não depende, necessariamente, da alma, existindo fora dela, o tempo, por sua vez, como percepção, como o que é numerável, só pode existir a partir dela. É nesse sentido que o filósofo compreende que

o tempo não passa e nem é um “ser em si”, pois pertence à estrutura do mundo e à natureza das coisas (SCHÖPKE, 2009). Assim, embora a determinação do tempo dependa dessa alma, sua existência é atributo do movimento, que está na natureza, que age sobre todas as coisas e que permanece numerável, mesmo que não haja quem o numere. “O movimento não necessita da alma para existir, e basta para fazer o tempo existir” (ARISTÓTELES *apud* COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 29).

A concepção de um tempo que existe independente do homem, mas que dele depende para ser mensurado, para tornar-se perspectiva, também aparece nos diálogos com as crianças:

Caroline: Agora assim, se vocês perceberem, nenhum dos relógios [expostos sobre uma mesa] tá com a hora certa, desses daqui. Nenhum. . .

[As crianças olham atentamente cada relógio]

Caroline: Tá vendo? Tipo, aqui tá 6 e meia, aqui tá 2 e pouca. . .

Ryan: 3 e 26 aquele.

Caroline: Pois é, nenhum deles tá com a hora certa. Esse aqui tá 3 e pouca. . .

Bernardo: E são que horas?

Vitor Hugo (12): 4 e 19.

Caroline: Então, a minha pergunta é a seguinte, e se o relógio parasse? Como é que a gente ia marcar o tempo?

Marcos (9): Pela água. . . aquele negócio de água.

Bernardo: Com relógio solar.

Cadu: Pelo relógio de água, da garrafa.

Bernardo: Pelo sol, pra saber a hora. . .

As crianças deixam claro que, ainda que o relógio pare, ou seja, ainda que a alma não esteja numerando o tempo por meio desse instrumento, ele continua existindo, e permanece numerável, isto é, em movimento, passível de ser contado. E aqui a observação à natureza e às esferas celestes ganha lugar, pois as crianças são categóricas em indica-la como caminho para a contagem do tempo, na ausência do relógio, evidenciando a correlação entre a percepção dessas esferas e a medida do tempo, exatamente como em Platão.

A diferenciação que as crianças fazem entre o tempo e o relógio é importante porque, na primeira vez em que perguntei “o que é tempo?”, a maioria fez a relação imediata entre os dois, afirmando, inclusive, que um “constituía” o outro. No entanto, ao serem provocadas a pensar a inexistência do instrumento de medida, elas ponderam que, na realidade, um não é o outro, ainda que a relação que mantenham seja de entrelaçamento:

Caroline: E aí? Imagina assim, tipo, pô, a gente tá perdido, a gente tá num mundo, sei lá, de sombras... Não existe sol, não existe relógio... e agora? Você tá num mundo de sombras...

[...] Cadu: Cria um relógio.

Ryan: Cria um relógio digital.

Bernardo: Cria um relógio! Ué, vai aprimorando as técnicas.

Cadu: É só ter inteligência.

Vitor Hugo: Aí você vai aprimorando seu relógio.

[...] Bernardo: A minha ideia é, fazer um relógio, fazer um relógio provisório... tu só vai precisar...

Caroline: Como?

Bernardo: Com 12 pontos assim, aí cada um, AM, PM, daí vai ter uma setinha assim...

Caroline: E o que que vai fazer a seta andar?

Vitor Hugo: Eu sei! Eu sei!

Marcos: Com o vento... o vento...

Bernardo: Aí ele sopra. Uma seta, de um material muito leve, um exemplo, folha.

Cadu: Mas daí a gente nunca ia saber se a hora tava certa.

Caroline: E como é que a gente sabe que a hora que tá no relógio tá certa?

[...] Bernardo: Mas na situação que você falou, a gente ia criar nosso próprio horário. Então... então... então, a hora sempre ia estar certa. A gente ia criar nosso horário.

Portanto: 1) o relógio é apontado pelas crianças como uma criação humana que, caso deixe de funcionar, ou caso estejamos num mundo em que ele não exista, basta criá-lo para medir o tempo, que não cessa em detrimento da parada

do relógio. Essas respostas permitem pensar que, para essas crianças, tempo não é relógio, ou não apenas relógio, pois embora tenham dito que era, o fato de podermos criar um relógio e um horário nos sugere que esse é um tempo que continua existindo, independente da alma e do instrumento que o medem. E aqui retornamos, novamente, a Ryan com o tempo que é vento porque não para... Aliás, o vento figura mais uma vez nos diálogos sobre o tempo; e, 2) essa reflexão, que gira em torno da criação de um horário próprio, também levanta a questão das pactuações, suscitando que o horário já é percebido como uma convenção pelas crianças – essa percepção do horário como uma criação é importante porque permite que as crianças pensem na pluralidade das percepções de tempo a partir da pluralidade dos modos de medi-lo.

Os diálogos trazidos mantêm certa relação com a concepção aristotélica de tempo, que considera sua existência independente do ato humano no mundo, ou seja, que o tempo existe em si, mas que há um entrelaçamento entre esse “ser” do tempo e o modo como com ele nos relacionamos, a partir dos parâmetros de medida, que criam percepções do tempo apreensíveis somente por meio da nossa perspectiva de visada. Dizer que, mesmo sem o relógio, é possível medir o tempo com outros parâmetros ou criar um novo instrumento é dizer que o tempo existe independente de uma alma que o meça. Por outro lado, dizer que podemos criar um relógio é dizer que a determinação desse tempo depende do olhar da alma.

Retomando Platão e Aristóteles, Reis (1994) destaca que, embora eles considerem o “lugar” da alma na percepção temporal, o que eles elaboram são hipóteses objetivistas sobre o ser do tempo, pois a ênfase é colocada no número dos movimentos naturais – e na possibilidade de medi-los. Agostinho, por sua vez, elabora, ainda segundo Reis (1994), uma hipótese subjetivista que move a reflexão para além do tempo da natureza, revelando sua dimensão de interioridade. Essa concepção situa a alma como centro da percepção do tempo, pois ela o concebe com relação a si mesma. O tempo, assim, aparece como “um desdobramento das relações da consciência consigo mesma” (REIS, 1994, p. 29), ou seja, como mudança vivida continuamente pela consciência em relação a si e ao mundo, um estiramento.

Nessa percepção agostiniana estão presentes três operações, segundo Reis (1994, p. 31), três “presenças”, que são: a espera, a visão e a lembrança. A espera se relaciona ao movimento da alma em direção ao futuro, à presença do futuro como antecipação; a lembrança, se refere ao movimento da alma em direção ao

passado, à presença do passado como memória. A visão, por sua vez, é a presença do presente, “a duração da passagem do que não é ainda ao que não é mais. A vida da alma é um ‘estiramento’, um desdobramento do passado ao futuro”.

O historiador José D’Assunção Barros (2013) nos ajuda a compreender que é quase como se o movimento, em Agostinho, fosse o deslocamento da alma em si, como se o que ela medisse dependesse do movimento que ela mesma empreende, seja em direção ao passado ou ao futuro. Puente (2010) também compreende Agostinho nesse sentido, afirmando que, para ele, medimos não o tempo, mas o nosso espírito, ou seja, o que apreendemos presentemente sobre algo.

Aqui, a diferença entre Agostinho e Aristóteles se torna mais evidente, segundo Reis (1994, p. 32), pois o que o segundo não considera mensurável, a velocidade e a lentidão do tempo, ou seja, os ritmos da mudança, é justamente o que o primeiro destaca como especificidade da alma que, ao reter as impressões, determina que “a referência última da medida não é a do movimento regular dos astros, mas de um sistema de valores éticos, um sistema regulado pelo desejo de ‘salvação eterna’” – enfatizando o aspecto teológico da formulação de Agostinho.

O ser do tempo

Vimos até aqui que o movimento, seja em relação ao que é externo ao homem, como também àquilo que ele opera internamente, aparece como formulação nos diferentes discursos filosóficos sobre o tempo. De acordo com Schöpke (2009, p. 56), é justamente a perspectiva de movimento, expressa por Heráclito, filósofo pré-socrático da Grécia Antiga, que funda as posteriores discussões filosóficas sobre “o ser o devir”. Como aspecto de maior relevância para esse artigo, em relação à teoria heraclitana, destaca-se a noção de que a essência do ser é a mudança, o devir, o que, segundo Schöpke (2009, p.65), levanta uma questão crucial em torno do objeto da metafísica, pois afirmar que o “ser é devir”, é como afirmar que ele não existe. No entanto, seguindo o raciocínio de Heráclito, “ser e não ser” são condições simultâneas do viver, que pressupõe mudanças ao longo de toda a duração, de toda a permanência. Por isso a imagem do rio que flui incessantemente é “tão importante para Heráclito. Só na aparência ele é o mesmo, pois suas águas são sempre outras. Em outras palavras, o rio só ‘é’ ele próprio enquanto está em permanente mudança” (SCHÖPKE, 2009, p. 73).

Aristóteles questiona a condição de ser do tempo (SCHÖPKE, 2009), justamente devido ao fato de que ele parece se compor de “não-seres”, considerando que o passado não existe mais e o futuro não existe ainda. Nesse sentido, o instante, o presente, seria o que demarca o limite do tempo, assinalando “o começo de uma parte e o fim de outra”. Mais ainda, o tempo seria composto de instantes, de “agoras”, de presentes.

Agostinho inicia uma reflexão parecida, partindo do mesmo raciocínio que Aristóteles, ao considerar que passado e futuro, apesar de não-seres, compõem o ser do tempo. Ele constata, então, que “o que nos autoriza a afirmar que o tempo existe é a sua tendência de deixar de existir” (AGOSTINHO, 2012, p.341). Nós lhe atribuímos um ser justamente na medida em que ele tende a não ser. Reis (1994) afirma que, considerado isoladamente, o devir parece ser a expressão do ser do tempo. No entanto, como devir, o ser do tempo se reduz a nada, aparece como contrário do ser porque introduz uma existência nova negando uma existência dada. Como devir, o tempo, para Reis (1994), revela-se um terrorista que promete, ilude, toma, não cumpre, desilude, não dura. . .

O filósofo André Comte-Sponville (2000, p.19) também destaca, a partir de Agostinho, esse caráter de “nadificação” do tempo, afirmando que ele parece ser um nada entre dois nada, pois, se para a consciência, ele é o movimento entre passado, presente e futuro, então, ele parece ser “a abolição de tudo, que parece abolir a si mesmo: a fuga do tempo é o próprio tempo”. No entanto, longe de se aliar a um niilismo, uma redução ao nada, Comte-Sponville (2000) frisa a existência do tempo em si, afirmando que o que atesta sua realidade é a impossibilidade de pará-lo. Nesse sentido, o tempo seria negação do ser, mas também sua confirmação, pois ele realiza a passagem do ser ao nada. O tema do tempo, para o filósofo, é um tema heraclitano, portanto, de mudança, de movimento.

Nas conversas com as crianças, a questão do ser do tempo também se faz presente, mas sob um ponto de vista diferente. Quando trago para a discussão o fato de que, em Mercúrio, um dia equivale a 58 dias e meio terrestres, algumas crianças indicam a impossibilidade de marcar o tempo naquele planeta,

Caroline: Pois é. . . lá, não tem relógio, em Mercúrio [. . .]. Vocês disseram que aqui a gente ia marcar o tempo de várias formas, mas e lá, como é que a gente ia marcar o tempo?

Victor Hugo: A mesma coisa.

Cadu: A mesma coisa.

Marcos: Não tem como você marcar o tempo em Mercúrio.

Bernardo: A gente.. não tem nada lá. É outro planeta. . .

Para algumas crianças, o tempo em Mercúrio é passível de medida, exatamente da mesma forma que aqui na Terra, por mais que sua duração varie. No entanto, Marcos traz uma questão interessante ao afirmar não haver possibilidade de marcar o tempo naquele planeta, o que Bernardo corrobora ao dar ênfase ao fato de que se trata de um outro planeta, o que, pelo tom usado por ele, pode ter a ver com a necessidade de criar novas lógicas para pensar contextos desconhecidos. O fato de eles apontarem que não se pode marcar o tempo em Mercúrio não significa que o tempo não exista lá, pelo contrário, suas observações se dirigem estritamente à medição. Isso me leva a pensar que essas crianças podem estar indicando a existência de um *ser* do tempo, neste ou em qualquer outro planeta, independente de se poder medi-lo ou não, o que a própria discussão sobre a alma na relação com esse tempo já atesta, me levando a ratificar a percepção de que as crianças estão falando exatamente sobre as mesmas questões que os filósofos trazidos para análise, muito embora a forma com que falem respeite os lugares que ocupam na realidade social contemporânea.

Conclusão

Nesse artigo, procurei estabelecer um encontro entre o que dizem sobre o tempo as crianças com quem conversei em minha pesquisa de mestrado e o que pensam os filósofos que, há tantos séculos, nos ajudam a pensar as questões envolvidas nessa reflexão. A análise deu conta da correlação entre as ideias de tempo, movimento e mudança, presentes nas reflexões de Platão e Aristóteles, o que para as crianças se evidencia não só no modo como o mundo se constitui, mas também no modo como nós, com nossos corpos, nos constituímos nele.

Para além disso, a relação da alma com o tempo, posta em discussão por Aristóteles, Platão e Agostinho, foi abordada pelas crianças a partir da percepção do relógio como uma criação humana que não determina a existência do tempo, mas sim sua apreensão como medida.

Um último eixo analisado, que muito se relaciona ao debate sobre a relação da alma com o tempo, foi a questão do ser do tempo, levantada por Heráclito, Aristóteles, Agostinho e Comte-Sponville. A partir do exercício imaginativo de deslocamento a outro planeta, as crianças apontaram a existência de um *ser* do tempo que independe e até mesmo transcende a possibilidade de medida, ou seja, em outros planetas, o tempo não precisa ser forjado, descoberto, criado, pois já existe como tempo, na medida em que nunca parou.

Portanto, essa não se tratou de uma tentativa de classificar o que disseram as crianças, mas sim de aproximar a fala infantil de uma significação do tempo às falas desses filósofos, chamando atenção ao fato de que as crianças também estão atentas, pensando essas questões, ainda que suas elaborações partam de um lugar e de um tempo social distintos e específicos, e se diferenciem daquelas engendradas por teóricos com anos de estudos.

Isso significa reafirmar que cada pessoa fala do tempo e do lugar social que ocupa e embora uma criança possa elaborar, em uma frase, o que um teórico elabora em “tantas” páginas, a percepção envolvida nessas criações pode dialogar como questão que nos acompanha ao longo da história da humanidade.

Notas

- 1 Opto aqui pela definição de *espaçotempo* de forma entrelaçada justamente por entender que essas dimensões constituem um todo, partindo do conceito de *cronotopo*, formulado pelo filósofo da linguagem Bakhtin (2010) no interior das análises que faz sobre os diferentes gêneros literários e que estabelece entre essas dimensões uma relação de indissociação.
- 2 É importante destacar que uma versão semelhante à deste artigo foi submetida ao VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, realizado em outubro de 2016, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. *O tempo dos historiadores*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

- COMTE-SPONVILLE, André. *O Ser-tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DOSSE, François. *A História*. São Paulo: Unesp, 2012.
- MARCHEZAN, Renata. Diálogo. IN: BRAIT, Beth. *Bakbtin*: Outros conceitos-chave. São paulo: Contexto, 2012.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. *O tempo não tem idade*: nem passado, nem presente, nem futuro. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.
- MOURA, Eli-Eri. *Manipulações do tempo em música*: uma introdução. Claves. n.4. nov., 2007.
- PLATÃO. *Timeu e Críticas ou A Atlântida*. Tradução. Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.
- PUENTE, Fernando Rey. *O tempo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papirus, 1994.
- SCHÖPKE, Regina. *Matéria em movimento*: a ilusão do tempo e o eterno retorno. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- WHITROW, George J. *O tempo na história*: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

recebido em 25 abr. 2016 / aprovado em 11 abr. 2017

Para referenciar este texto:

QUEIROZ, C. T. Nas curvas do tempo: um encontro entre infância e filosofia. *Dialogia*, São Paulo, n. 25, p. 83-97, jan./abr. 2017.
